

EXPERIÊNCIA E LEITURA LITERÁRIA NA OBRA DE MIGUEL SANCHES NETO

1

Alzira Fabiana de Christo²

Resumo: Na pesquisa intitulada “Experiência e leitura literária na obra de Miguel Sanches Neto” buscou-se, por meio de uma leitura que tem como base teórica a experiência, analisar aspectos relacionados à leitura e à formação do leitor literário nas obras *Chove sobre minha infância* (2000), *Herdando uma biblioteca* (2004) e *Venho de um país obscuro* (2005), de Miguel Sanches Neto. Em relação ao arcabouço teórico utilizado ao longo da pesquisa, destacam-se as obras de W. Benjamin (1994, 2002, 2011) e A. Assmann (2011, 2013). A escola e a leitura são temáticas recorrentes nas obras do escritor, principalmente quando esse se refere a experiências vividas na infância e adolescência, assim, nos pareceu importante desenvolver a pesquisa a respeito deste tema na obra de Sanches Neto, a fim de saber como esse processo de formação de leitor literário ocorreu e é representado em sua obra. Deste modo, objetivou-se uma reflexão em relação às práticas de leitura ao longo da história e o papel ocupado pelos livros em nossa sociedade a fim de que possam contribuir para a implementação de políticas públicas relacionadas à formação do leitor literário, assunto tão em voga na atualidade.

Palavras-chave: Experiência; Memória; Leitura; Literatura; Formação de Leitores.

EXPERIENCE AND LITERARY READING IN THE WORK OF MIGUEL SANCHES NETO

Abstract: In the research entitled “Experience and literary reading in the work of Miguel Sanches Neto”, we sought, through a reading that has experience as a theoretical basis, to analyze aspects related to reading and the formation of the literary reader in the works *Chove sobre a minha infância* (2000), *Herdando uma biblioteca* (2004) and *Um país obscuro* (2005), by Miguel Sanches Neto. Regarding the theoretical framework used throughout the research, the works of W. Benjamin (1994, 2002, 2011) and A. Assmann (2011, 2013) stand out. School and reading are recurring themes in the writer’s works, especially when he refers to experiences lived in childhood and adolescence, so it seemed important to us to develop research on this theme in the work of Sanches Neto in order to know how this process formation of a literary reader occurred and is represented

1 Projeto de pesquisa realizado entre os anos de 2016 a 2018, na Universidade Estadual do Centro-Oeste. Uma parte dos resultados dessa pesquisa foi apresentada em formato de comunicação oral no 23 COLE – Congresso de Leitura do Brasil, na Unicamp, em fevereiro de 2023 e diz respeito ao artigo aqui apresentado.

2 Doutorado em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professora do Departamento de Letras/PR

in his work. In this way, the objective was to reflect on reading practices throughout history and the role played by books in our society, so that they can contribute to the implementation of public policies related to the formation of the literary reader, a subject so in vogue nowadays.

Keywords: Experience; Memory; Reading; Literature; Reader Training.

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a maneira como Miguel Sanches Neto aborda questões acerca da formação do leitor literário em suas obras. A escola e a leitura são temáticas recorrentes nas obras do escritor, principalmente quando refere-se à experiências vividas na infância e adolescência. Deste modo, pareceu-nos importante desenvolver a pesquisa a respeito deste tema na obra de Sanches Neto a fim de saber como esse processo de formação de leitor literário ocorreu e é representado em sua obra. Os objetivos principais da pesquisa foram: 1) Identificar como a leitura/literatura é representada nas obras *Chove sobre minha infância* (2000), *Herdando uma biblioteca* (2004), e *Vinho de um país obscuro* (2005), do escritor Miguel Sanches Neto. 2) Analisar a maneira como o autor trata questões relacionadas à memória e questiona uma sociedade que, segundo Aleida Assmann (2011), não possui mais memória alguma. 3) Analisar de que forma a memória da infância e a formação do leitor literário ocorre neste período nas obras citadas. 4) Identificar, com base nos pressupostos teóricos de Walter Benjamin sobre a experiência, como a infância e a criança questionam as convenções da sociedade e a rotina estabelecida, causando uma reflexão sobre a atualidade. 5) Analisar quais os recursos retóricos de que o autor se vale nessas obras, questões relacionadas à linguagem, à estrutura textual e a forma específica como este autor constrói seus textos. 6) Produzir material analítico em relação às práticas de leitura ao longo da história e papel ocupado pelos livros em nossa sociedade a fim de que possam contribuir para a implementação de políticas públicas relacionadas à formação do leitor literário, assunto tão em voga na atualidade.

O corpus da pesquisa diz respeito aos seguintes livros: *Chove sobre minha infância*

(2000), *Herdando uma biblioteca* (2004) e *Vinho de um país obscuro* (2005), uma espécie de trilogia publicada por Miguel Sanches Neto em que, dentre outras questões, revela aspectos da sua formação. O enfoque será sobre o tema da leitura, livros, bibliotecas, livrarias, assuntos e espaços relacionados à formação do leitor literário.

Em suas obras, Peabiru é o lugar de onde o escritor parte quase sempre: inúmeras personagens pertencem à pequena cidade, que, recriada pelo autor, ganha um caráter de universalidade. Peabiru é a cidade na qual o escritor passou parte da sua vida, mas nos livros ela é apenas um cenário possível em que os sentimentos das personagens se manifestam. Outra característica da escrita de Sanches Neto é a narrativa de memórias. Por meio de simulações da memória, revolve sentimentos e conduz suas personagens, e conseqüentemente seus leitores, a uma viagem que busca desvendar questões/conflitos/problemas do presente.

Ao convocar narrativas memorialísticas para a pesquisa, busca-se refletir sobre as práticas de leitura ao longo da história e o lugar ocupado pela literatura na memória individual e coletiva. Ao mesmo tempo, por meio da análise da obra de Miguel Sanches Neto selecionada para este estudo, verificou-se o contexto social revelado pelo autor e o que sua obra pode contribuir para a implementação de políticas públicas para a leitura e a formação do leitor, questões importantes na atualidade. Qual o papel da escola e o incentivo dos professores, a presença de um mediador externo, da biblioteca escolar e da biblioteca pública para a formação do leitor literário? Todos esses aspectos estão presentes nos livros de Miguel Sanches Neto que serão analisados por meio deste estudo.

A palavra experiência, neste trabalho, será abordada a partir de sua compreensão filosófica, ou seja, não se trata apenas de pensar nas vivências ou em momentos vividos e representados pelo escritor, mas a forma como essas vivências são repassadas para a obra, já que vivemos em um momento desprovido de experiência, conforme atesta Walter Benjamin em seu célebre texto “Pobreza de experiência”. Ao resgatar essas experiências de leitura, a obra de Miguel Sanches Neto insiste numa dinâmica de mudanças e na necessidade do despertar e da ação para um mundo que vem – o futuro – no que diz respeito, também, aos livros e à leitura.

Em um mundo que tenta se livrar de sua memória de todas as maneiras, o escritor aqui estudado faz da sua arte, conforme o termo cunhado por Aleida Assmann (2011), a mídia principal para expressá-la. Seguindo a tendência da arte em geral que se direcionou para o tema da memória principalmente a partir de 1970, a produção de Miguel Sanches Neto mostra como essa fascinação pela memória ainda não se esgotou, pelo contrário, continua a se desenvolver. Em Espaços da recordação (2011), Aleida Assmann reflete sobre a precária situação da memória na sociedade de cultura de massas em que as técnicas eletrônicas são predominantes tanto para o armazenamento quanto para a circulação da memória. Segundo a teórica, a sociedade atual possui um caráter de autodestruição devido à capacidade de olhar em direção apenas ao futuro, sem se dar conta que o passado existe no presente e que permanecerá nos dias que se seguirão. A visão fragmentada tão em voga nos dias atuais faz com que não se consiga vislumbrar uma relação entre passado, presente e futuro e se queira descartar e desvalorizar o ato da rememoração assim como tudo o que não faz parte das necessidades imediatas e do mundo prático de hoje. Deste modo, o passado e a memória, assim como os objetos que são depositados no lixo, não parecem ter utilidade, contudo, tanto o lixo quanto os restos e os retalhos do passado guardam vestígios – são memórias – preciosos sobre

o homem e tudo o que o circunscreve.

“A cotação da experiência baixou” afirma Benjamin no texto “Experiência e pobreza” em que o filósofo faz uma reflexão sobre a pobreza da experiência na modernidade. O filósofo inicia seu escrito com uma parábola de um velho que no momento da morte revela a seus filhos a existência de um tesouro enterrado nos vinhedos. Os filhos cavam, mas não encontram nenhum vestígio do tesouro e só compreendem o que pai dissera quando, no outono, as vinhas produzem mais que qualquer outra da região. Benjamin afirma: “Só então compreenderam que o pai lhes havia transmitido uma certa experiência: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho” (BENJAMIN, 1994, p. 114). Conforme o filósofo, em outras épocas tais experiências eram transmitidas aos mais jovens sendo seu principal intuito ensinar-lhes algo. Os mais velhos detinham autoridade e transmitiam a experiência por meio de provérbios, histórias e narrativas de países longínquos. “Que foi feito de tudo isso?” questiona Benjamin, e continua:

Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (BENJAMIN, 1994, p. 114).

O filósofo salienta o quanto as ações da experiência se encontravam em baixa já na modernidade, época em que a humanidade sofreu uma das piores experiências da história: a Primeira Guerra Mundial. Segundo Benjamin, os combatentes tinham voltado silenciosos do campo de batalha, mais pobres em experiências comunicáveis. Mas isso, segundo o filósofo, é compreensível porque nunca houve experiência mais desmoralizante que a experiência estratégica pela guerra das trincheiras, a experiência econômica da inflação, a experiência do corpo

pela fome, a experiência moral pelos governantes. Nas palavras de Benjamin: “Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos viu-se abandonada, sem teto, numa paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num campo de forças de correntes e explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano” (BENJAMIN, 1994, p. 115). Para Benjamin, o declínio da experiência estava diretamente ligado ao desenvolvimento monstruoso da técnica que faz com que o homem não consiga se expressar por meio de palavras, nem compartilhar histórias, devido à sua sujeição às forças impessoais e toda poderosa da técnica, da rapidez radical à qual se associa uma transformação em que o homem já não consegue mais narrar. A imagem do autômato é central nas análises de Benjamin, para ele, na industrialização moderna ocorre a degradação do homem devido ao condicionamento imposto pela máquina, o que o torna alheio a qualquer experiência, é como se o homem tivesse perdido a capacidade de transmitir palavras para ser capaz de produzir mercadorias. Ao refletir sobre a degradação da experiência na obra de Benjamin, Silva (2007) afirma que o trabalhador da indústria moderna não entende nem o motivo que o levou a tal sujeição da produção, nem que ele mesmo é extensão desse aparato produtivo ao qual é forçado a adaptar-se. Conforme as palavras da pesquisadora: “O processo de trabalho exige dele uma conformação integral dos movimentos de seu corpo, dos seus gestos ao ritmo imposto pela máquina e pela implementação do trabalho automatizado” (SILVA, 2007, p. 66). Nessa forma de organização do trabalho, o operário não é capaz de assimilar seus próprios movimentos e transformá-los em conhecimento. Para Benjamin, esse homem está impedido tanto de construir memória quanto experiência – conhecimento transmissível. Trata-se de um homem fragmentado que, assim como o soldado que retorna da guerra sem compreender os motivos reais do seu desfecho e a severa violência dos contra-ataques, é expropriado da relação

significativa do homem com as coisas e, portanto, com a experiência.

O empobrecimento da experiência é tema recorrente nas obras de Walter Benjamin e está ligada sempre à lembrança, à preocupação com a perda da capacidade de narrar e de contar a História. Infância em Berlim por volta de 1900 (2011) pode-se dizer que é um texto síntese da obra de Walter

Benjamin em que ele faz um exercício de lembrança na forma de quarenta pequenos textos que revelam acontecimentos vividos desde a sua infância até o exílio evidenciando aspectos da experiência da infância e juventude do filósofo. Assim, por meio da crônica, a experiência daquele período se transforma em algo mágico possível de ser alcançado somente pela via da memória. Por sua vez, na contemporaneidade, Miguel Sanches Neto é um desses artistas que, em seus livros, reconhece o quão fundamentais são os primeiros momentos da socialização humana em que acontecem, dentre outras experiências, a iniciação à vida cultural e a formação do gosto pela leitura e literatura.

De acordo com Assmann (2013)³, até então nunca valera na literatura o princípio de que o espaço da invenção está limitado pela própria experiência: “O primado da experiência não tinha importância para a literatura até então. O que não se tinha vivenciado adquire-se por meio de informantes (como Daniel Defoe) ou por meio de livros de documentos” (ASSMANN, 2013, s/p). É bem conhecida nos estudos literários a aversão em relação ao mundo biográfico do escritor, ou seja, a tradição dos estudos literários e sua crítica enfática em afirmar que para a análise do texto literário do autor, sua vida é totalmente irrelevante, e quem não atentar para essa regra, certamente não está apto para tal tarefa. Fato é

3 Conferência ministrada por Aleida Assmann em 20/05/2013, na Universidade Estadual de Londrina. Tivemos acesso somente aos slides usados pela pesquisadora durante sua apresentação e é desse material que extraio as citações aqui usadas. Deste modo, este material será referenciado, nesta pesquisa, da seguinte forma: ASSMANN, 2013, s/p

que essa premissa, apesar de ainda ter validade, modificou-se um pouco, uma vez que a memória e a literatura passaram a se relacionar de maneira nova: na atualidade nos defrontamos com um gênero que não pode mais compreender os critérios formulados pelo New Criticism, pois além da capacidade intelectual do artista e da força linguística como motrizes para a composição literária, vem somar-se a própria experiência que se torna impulso ou matéria-prima da literatura. Para Assmann (2013), a nova literatura da memória representa um desafio especial para os estudos literários, porque nela se apagam as marcas de diferenciação entre literatura e vida, assim como entre fatos e ficções. Ao mesmo tempo, há uma característica bem peculiar: a nova literatura memorialista conta a História maior – oficial – por meio das várias histórias privadas, ao contrário da literatura memorialista anterior, que tinha como panorama geral a história maior e dela partia para a história privada ou familiar. A respeito das histórias individuais presentes na literatura memorialista contemporânea, Assmann afirma: “Como destinos individuais, elas não representam o todo, mas são representantes exemplares de centenas e milhares de outras histórias contingentes, não narradas, não ouvidas, não registradas” (ASSMANN, 2013, s/p). Para ela, enquanto os historiadores insistem em uma alternativa estrita (“ou isso ou aquilo”), os autores de literatura memorialista contemporânea trabalham com a inclusão (“tanto isso quanto aquilo”), e, deste modo, essa literatura age como a própria memória – se move entre fatos e ficções, entre imaginação e pesquisa, entre desilusão e reflexão, entre invenção e autenticidade.

A literatura de Miguel Sanches Neto pode ser inserida nesse panorama apontado por Assmann (2013), tanto é assim que em livros como *Chove sobre minha infância* (2000), *Herdando uma biblioteca* (2004) e *Venho de um país obscuro* (2005), o escritor destaca o significado da sua trajetória pessoal, da história da sua própria família, da região onde passou a infância e partir dessas trajetórias individuais conta a História

oficial sob outra ótica. Miguel Sanches Neto assume essa exigência ética de descrever com lucidez a história dos vencidos e dos mortos, de acolher o sofrimento irresolvido e dizê-lo a partir de outro ponto de vista – o não oficial.

Em *Herdando uma biblioteca* (2004)⁴ Miguel Sanches Neto traz para as narrativas simulações da memória, infância, leitura e formação de leitores. Nas narrativas do escritor, a infância aparece como força de evocação do passado, fonte de sabedoria e experiência. Ao se valer de personagens que se recordam de momentos vividos na infância, essas lembranças são redimensionadas e não fazem um apelo somente individual e subjetivo, mas se tornam, por meio de imagens do inconsciente, coletivas. No livro em questão, reconhece-se que o passado não é algo tão distante, isto é, o passado não passou, é possível, ainda, encontrá-lo no presente. Seus personagens recorrem constantemente aos restos e retalhos – fragmentos – da infância e a momentos importantes da formação humana, aqui nos atentaremos especificamente sobre a temática da leitura literária. Em relação aos livros, a obra traz os seguintes relatos:

Os primeiros livros que tive nas mãos foram os escolares, o que não chega a ser grande novidade para quem passou a infância no interior do Paraná, região onde importava menos participar da cultura universal do que desbravar uma terra que não dava descanso aos homens. Livro não era artigo muito comum na Peabiru dos anos 70 e muito menos na minha família, com forte tendência para a vida prática. Analfabeto, meu pai não poderia ter me legado nenhum livro, e morreu antes de eu entrar na escola. Meu padrasto, comerciante pobre e extremamente apegado ao dinheiro, com o primário incompleto, tinha uma relação meramente monetária com o papel (HB, 2004, p. 09).

⁴ Todas as citações da obra de Sanches Neto referem-se a: SANCHES NETO, Miguel. *Herdando uma biblioteca*. Rio de Janeiro: Record, 2004. E serão referenciadas apenas com a abreviatura (HB) e com a indicação da página.

Livros, para nós, eram instrumentos sagrados de aprendizagem, território em que o prazer não podia se manifestar, nem nas linhas ingênuas de um menino querendo soletrar as belezas do sexo oposto. E eles não nos pertenciam (HB, 2004, p. 10).

Nestes fragmentos de *Herdando uma biblioteca* (2004), é possível perceber o quanto os livros não são objetos comuns e presentes em todos os espaços. No primeiro fragmento, o narrador evidencia como ocorre o contato inicial com os livros em uma localidade afastada dos grandes centros urbanos e em famílias sem grandes recursos financeiros, ou seja, o livro didático é o responsável em apresentar os primeiros textos literários a uma grande parte da população. Esta sem recursos para a aquisição desses instrumentos de leitura. Do mesmo modo, no segundo fragmento o narrador deixa claro que por ser um objeto raro, o livro acaba sendo tratado como algo sagrado em que o manuseio livre e a leitura por fruição não são permitidos; o livro tem um caráter utilitário que está relacionado ao repasse e aprendizagem de conteúdos escolares e não à leitura e manuseio prazeroso, em que é possível se deleitar, folhear, assinalar e ter o sentimento de propriedade, inclusive porque os livros didáticos são emprestados e ao final do ano letivo, os alunos devem devolvê-lo para que outros o utilizem.

Passei a infância em uma casa sem livros, sempre com a sensação de que eles não me pertenciam. O livro não era espaço em que podia ficar impressa minha marca de possuidor. E a escola acabou figurando, para mim, como lugar vazio e desimportante. Tudo o que ela nos transmitia virava pozinho de borracha, sujo de grafite, no fim do ano (HB, 2004, p. 12).

Nesse fragmento é possível verificar como o narrador evidencia a questão da ausência dos livros e do sentimento de que eles não o pertenciam. Ao mesmo tempo, expõe o sentimento que o modelo dedistribuição de material e re-

passa a outros colegas despertam nas crianças. O fato de terem que apagar toda a produção elaborada no material didático, dá a impressão de que não se trata de algo importante. Isto é, o conhecimento, o esforço e a dedicação, simbolicamente, são descartáveis e podem/devem ser apagados.

Assim como na obra em prosa, a obra lírica *Venho de um país obscuro* (2005)⁵, tem como motivo principal as reminiscências da infância, conforme Bueno, “o que mais toca no autor de *Venho de um país obscuro* (2005) é sua matéria, e sua matéria é a memória. O poeta é um escavador de verdades desse país obscuro que se chama o coração dos homens” (BUENO, 2000, p. 1). Verifica-se, portanto, como a memória se faz presente nos poemas de Sanches Neto. Ao reviver – por meio das recordações – a sua infância, o autor dá visibilidade a um contexto pouco abordado, até o momento, pela literatura brasileira: a sociedade rural paranaense. Desta forma, poesia é, também, o meio pelo qual os poetas expõem seus pensamentos, suas angústias, sua visão em relação à sociedade e à vida de uma forma geral. No entanto, fazer poesia não é somente se reportar a um tema ou assunto; o ofício do poeta está diretamente voltado ao trabalho com as palavras, à lapidação dos sentidos, ou seja, à arte de transformar as palavras em algo que vai além da sua significação habitual. Neste livro, o eu lírico expõe um universo de carências e ausências, tanto do ponto de vista material quanto afetivo. Nesta obra, Miguel Sanches Neto expõe questões relacionadas à formação do leitor literário, a vida escolar, aos conteúdos repassados, etc, a partir de sua própria experiência. Nos poemas 11, 13 e 14, o eu lírico revela questões relacionadas à leitura. No poema 11, há a reflexão sobre a maneira como a biblioteca

5 Todas as citações da obra de Sanches Neto referem-se a: SANCHES NETO, Miguel. *Venho de um país obscuro*. Travessa dos editores, 2005. E serão referenciadas apenas com a abreviatura (VPO) e com a indicação da página.

é utilizada, se um espaço para a leitura ou um lugar para onde as crianças são conduzidas por mau comportamento:

11. Só que no fundo da escola/Havia um velho depósito./Apenas mais um lugar de castigo,/Onde o silêncio também era exigido./E um general de maneiras femininas/Sentava-se atrás da escrivaninha./E era ali que fazíamos a lição./Decorando data, nomes, conjunção./E no meio de livros tantos pelas estantes/Éramos apenas comportados estudantes” (VPO, 2005, p. 25).

Em *Chove sobre minha infância* (2000)⁶, também há uma passagem a respeito da importância da biblioteca escolar na formação do leitor literário. Conforme o narrador, ele fora para a biblioteca depois de ser repreendido por mau comportamento. De acordo com a narrativa:

No fundo do corredor fica a biblioteca, uma sala grande cheia de estantes assustadoras. Peço os livros de moral e cívica e começo a trabalhar, copiando. Escrevo olhando todos aqueles livros, seria possível alguém ler tudo? Em casa só tem uma bíblia, que a mãe lê antes de dormir, e os livros que usamos na escola, de onde copio poemas. Tudo tem um cheiro de papel velho, que me agrada, e um silêncio protetor (CMI, 2000, p. 129).

Mesmo que a postura do autor seja a de crítica em relação ao uso da biblioteca com a função de represália, é desta maneira que o protagonista do romance se torna um leitor voraz. Conforme o narrador:

No outro dia pela manhã, volto pra terminar a pesquisa e me perco no meio dos livros. A velha responsável pela ordem está atrás de mim, perguntando o que quero. Não sei o que quero ler. Os juvenis estão na estante da entrada, me diz. Não sei o que são livros juvenis, mas não quero

que ninguém me diga onde posso encontrar as coisas. Quero descobrir por minha própria conta. E fico andando por entre as estantes. Tiro um livro da prateleira, olho a ilustração, espio o que estão escrito na capa, leio um trecho e deixo no mesmo lugar [...] Todos os dias vou à biblioteca, falando pra mãe que tenho que estudar [...] Leio trechos de um ou outro livro, mas não levo nenhum até o fim. Gosto mais de me deter nos poemas por serem curtos. É uma leitura tumultuada, mas prazerosa (CMI, 2000, p. 130).

A partir desse contato com os livros por meio da biblioteca escolar, Miguel, protagonista de *Chove sobre minha infância* se torna um leitor dedicado, que empresta livros todas as semanas, passa horas com os livros – despertando a ira do padrasto que o queria para o trabalho – comportamento que levará para a vida toda, inclusive se tornando escritor.

Outra biblioteca também é um espaço fundamental para o despertar para a leitura de acordo com as análises das obras de Miguel Sanches Neto. Em *Herdando uma biblioteca*, o narrador evidencia o papel fundamental que a biblioteca pública teve na sua formação como leitor:

A partir de meu contato com a biblioteca pública da cidade, formei-me leitor e, quando saí de casa, levei orgulhosamente algumas dezenas de livros comprados meio escondidos (HB, 2004, p. 12).

O que os educadores não sabem é que muitos dos alunos continuam querendo uma ultrapassagem cultural de seu mundo e não apenas uma pequena melhoria econômica. Fui um desses pardais que sonhavam com alturas e não com migalhas caídas no chão. E o lugar onde pude exercer este projeto foi a biblioteca pública. Nela, não havia conteúdos predefinidos, nem o desejo de me moldar (HB, 2004, p. 17).

Podia eleger o tipo de leitura, e fiz isso sem nenhum método, porque a biblioteca me permitia

6 Todas as citações da obra de Sanches Neto referem-se a: SANCHES NETO, Miguel. *Chove sobre minha infância*. Rio de Janeiro: Record, 2000. E serão referenciadas apenas com a abreviatura (CMI) e com a indicação da página

ser sujeito de minhas escolhas, mesmo que eles recaíssem sobre livros e autores errados. Nunca me senti tão independente como dentro de uma biblioteca pública, percorrendo ao acaso prateleiras e descobrindo livros sobre os quais não tinha nenhuma informação. Se o saber escolar chegava formatado (refletindo preconceitos didáticos), a biblioteca era o espaço livre e não-solicitante. Muitas vezes, eu apenas caminhava entre os livros, vendo capas e deixando passar o tempo (HB, 2004, p. 18).

A partir de o narrador evidenciar a importância da biblioteca pública enquanto espaço fundamental para a sua formação como leitor, é possível perceber o papel desses espaços e a importância de políticas públicas que contemplem a contratação de profissionais, a conservação dos acervos e a manutenção desses espaços para a promoção e o despertar para a leitura. Além disso, nas palavras do narrador é possível identificar uma certa liberdade somente possível por meio do contato com a leitura e do espaço – biblioteca pública – para onde se dirigia quando queria contemplar e apreciar os livros e a arte literária. É possível também identificar os detalhes dessa contemplação, questões bastante pessoais que afloram nas lembranças da personagem e que dizem respeito ao seu modo subjetivo de fruição da literatura.

Outro responsável pela formação de leitores, são os mediadores de leitura, podem ser pais, professores, irmãos ou algum conhecido. No caso do eu lírico de Venho de um país obscuro (2005), um dos mediadores foi um tio louco que lia jornais amarelados. De acordo com o poema 13:

13. [...]Meu tio não sabia ler mas lia./Foi o grande exemplo pra minha/futura carreira de leitor/esse tio analfabeto e louco./E meu tio lia jornais amarelados/Recusando-se a estar informado,/Querida apenas o divino gosto/De desenterrar o que estava morto./É a ele que devo este vício/De não me interessar pelas notícias,/De buscar nos jornais apenas/Aquilo que pode ser perene (VPO, 2005, p. 27)

14. Este exemplo me conduziu/À pequena biblioteca da escola./Havia então um outro mundo/Atrás daquelas estantes todas?/E, analfabeto que também era, /fui decifrando aquelas letras,/ estrangeiro na própria língua,/soletrando mal suas belezas./E se de todas as lições da escola/ Não me sobrou absolutamente nada,/Daquelas sofridas horas/Ficou este fascínio pelas palavras (VPO, 2005, p. 28)

O eu lírico revela neste poema a importância de um mediador externo, que não está relacionado com o universo de formação educacional. O tio é alguém que ele observa na infância e mais tarde reconhece o quanto o fascínio do tio pelos jornais envelhecidos foi fundamental para o despertar do leitor que ele representa em sua obra. Ou seja, por meio da memória e das recordações, evidencia como que uma criança inserida em um meio avesso à leitura, não se torna apenas leitor, mas escritor. E se a rememoração é a possibilidade de pensar sobre o presente e construir um futuro diferente e uma nova

História, isto também é possível quando o assunto está relacionado aos livros e à leitura literária.

Em sua obra, Miguel Sanches Neto recupera a infância, seja a sua, seja a dos seus mais notórios personagens ou a dos seus leitores. Por meio das simulações da memória empreendidas por ele – em um mundo que já não se lembra mais de nada– o escritor faz história a partir dos vestígios, dos retalhos, das marcas, das cicatrizes, dos restos que ficaram esquecidos, mas que são trazidos à superfície em suas obras, também, através de um objeto: o livro. Nas obras de Miguel Sanches Neto o que é vivido é pensado, recuperado, narrado. A ação é contada ao outro, partilhada e torna-se infinita, deste modo, por conservar um caráter histórico, que vai além do tempo vivido, e se tornar coletiva, é que as narrativas se tornam experiência. Em uma sociedade que condena os indivíduos a se tornarem isolados e atomizados devido à organização do trabalho, em que não dispunham de tempo para assimilar os estímulos exteriores, Miguel

Sanches Neto traz um conjunto de excitações que deixam no inconsciente traços mnemônicos duráveis, que ultrapassam o tempo vivido e vão em direção ao passado, a fim de se pensar sobre o presente e alcançar mudanças futuras. Nas três obras analisadas neste trabalho, a experiência da infância do próprio escritor é algo fundamental, mas é importante salientar que não se tratam de matérias vividas e sim de experiência de mundo, de contato com determinada realidade e formação interior.

Em suas obras Miguel Sanches Neto reconhece que o passado não é algo tão distante, isto é, o passado não passou, é possível, ainda, encontrá-lo no presente. A rememoração é a possibilidade de pensar sobre o presente, sobre o que nos aprisiona e conseqüentemente construir um futuro diferente e uma nova História. A análise dos livros *Chove sobre minha infância*, *Herdando uma biblioteca* e *Venho de um país obscuro* permite uma compreensão de questões relacionadas à formação do leitor literário, em diferentes contextos. Por meio dessas análises, pode-se refletir sobre vários aspectos, dentre eles, como ocorre a relação das pessoas com os livros, quais são os mediadores da leitura em pequenas cidades, como a biblioteca é utilizada nas escolas, etc. Por meio da análise das obras literárias podemos tanto pensar como essas relações aconteceram no passado quanto refletir e propor mudanças futuras. Por meio dessa pesquisa buscou-se identificar como a leitura/literatura é representada nas obras *Chove sobre minha infância* (2000), *Herdando uma biblioteca* (2004) e *Venho de um país obscuro* (2005), de Miguel Sanches Neto a partir da fundamentação teórica que entende a experiência da infância como possibilidade para a mudança da sociedade e os rumos da própria História. O interesse principal foi analisar como objetos e ações relacionadas à leitura literária que aparecem nas obras do escritor, foram importantes para a formação do leitor Miguel Sanches Neto, mais que isso, nosso interesse foi analisar de que maneira, por meio da análise das obras selecionadas, é possível for-

mar leitores em espaços onde a circulação de livros e as condições de leitura são precarizadas.

Referências

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Trad. Paulo

Soethe. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

_____. “Fatos e ficções na literatura memorialista contemporânea”.

Conferência ministrada por Aleida Assmann em 20/05/2013, na Universidade Estadual de Londrina –

UEL. Tivemos acesso aos slides utilizados pela pesquisadora durante sua apresentação.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Trad. Marcus Vinicius

Mazzari. São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2002.

_____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo

Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas v. I)

_____. *Rua de mão única*. Trad. Rubens R. T. Filho e José C. M. Barbosa. São Paulo: Editora Brasiliense, 2011. (Obras escolhidas v. II)

_____. *Passagens*. Trad. Irene Aron e Cleonice Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo:

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

_____. “Walter Benjamin ou a história aberta”. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política:*

ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense,

1994. (Obras escolhidas v. I)

_____. “O rastro e a cicatriz: metáforas da memória”. Pro-Posições – vol. 13, n. 3 (39) – set./dez. 2002.

_____. “Infância e pensamento”. In: GAGNEBIN, Jeanne Marie. Sete aulas sobre linguagem, memória e

história. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GARCIA, Érica de Lima Melo. A experiência da infância em Graciliano Ramos. Tese de doutorado

defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de

Minas Gerais – UFMG, 2010.

NETO, Miguel Sanches. Chove sobre minha infância. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. Venho de um país obscuro. Travessa dos editores: 2005.

_____. Herdando uma biblioteca. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SILVA, Anilde Tombolato Tavares da. Infância, experiência e trabalho docente. Tese de doutorado

defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de

Mesquita Filho” – UNESP. Marília, 2007.

SILVA, Marcia Cabral da. “A leitura literária como experiência”. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE,

Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (ORGs). Leitura de literatura na escola São Paulo: Parábola,

2013.

TEIXEIRA, Mona Lisa Bezerra. Imagens da infância na obra de Clarice Lispector. Tese de Doutorado

defendida no Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada da

Universidade de

São Paulo – USP. São Paulo, 2010.

Submissão? Maio de 2023.

Aceite: maio de 2023.